

MUNDO DO

leite

mídia
DBO

A revista do mercado lácteo

dez/2015 - jan/2016 • Ano 13 • Nº 76 • R\$ 9,00

Pasto na hora certa

Técnica da interceptação luminosa preconiza
o consumo de cada piquete quando ele está
no auge da capacidade nutritiva

BALDE CHEIO

Mitos e inverdades que rondam o
programa, que já tem quase 2 décadas

LAMINITE NOS CASCOS

Doença tem várias causas e
tratamentos

Tudo o que você queria saber...



FOTOS: LUIZ PRADO

Sítio Recanto.

Orientações dadas por técnico do Balde Cheio revertem situação de baixa produtividade em Itirapina, SP

NIZA SOUZA

No sítio Recanto SS, em Itirapina, SP, a adoção do programa Balde Cheio, metodologia desenvolvida pela Embrapa voltada para a pecuária leiteira, foi um divisor de águas. Depois que conheceu o projeto e começou a receber as visitas de um técnico treinado, há cerca de dez anos, o produtor Claudinei Saldanha Júnior conta que seu rebanho está no auge do potencial produtivo. O caminho não foi fácil, admite o produtor, que até então nunca tinha ouvido falar em Balde Cheio. Saldanha conta ter procurado a Embrapa em 2004 em busca de ajuda para melhorar a produção do sítio, pois percebeu que sem tecnologia e orientação adicionais não conseguiria fazer o negócio crescer. "O André Novo (na época técnico e atualmente chefe-adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Pecuária Sudeste, em São Carlos, SP) me apresentou o Balde Cheio. Mas quando o técnico chegou na propriedade e começa a apontar o que precisa ser mudado, é um baque. A gente precisa estar aberto para as mudanças, senão não adianta", aconselha o produtor.

Naquela época, o sítio produzia 200 litros de leite por dia, com 30 vacas em lactação. Seu rebanho era formado por vacas de baixa produção e o touro era de raça de corte. "Ele dizia que se eu quisesse produzir muito leite naquela pequena área eu precisava pensar em mudar a forma de produzir, formando um

Muitos mitos rondam o Balde Cheio, um programa de sucesso na pecuária leiteira. Tire suas dúvidas

novo plantel, com animais de genética leiteira, e me desfazer do touro de corte. Foi um impacto", recorda o produtor, que, de todo modo, aceitou e confiou nas orientações. A primeira providência foi trocar o Nelore por um touro da raça Holandesa e de genética comprovada. A partir daí, já se foram sete gerações de animais, melhorando a cada ano, pois estão cada vez mais adaptados ao manejo da propriedade. Atualmente, ele passou a usar a inseminação artificial no rebanho.

Além do gado, outras mudanças de impacto foram a alimentação e o sistema de criação. O produtor conta que antes mantinha os animais confinados em estábulos e a alimentação era basicamente o capim cortado e triturado, sem nenhum trato ou cuidado especial. Com o programa, ele aprendeu a fornecer cada alimento em seu tempo certo. Além disso, abriu o pasto pra vacada. Dividiu uma pequena área de pastagem que já estava bem formada em 28 piquetes e descobriu a rotação de pastagem. "Os animais passaram a receber uma alimentação de melhor qualidade, o que tem impacto direto na produtividade", explica o produtor.

Atualmente, nos mesmos 20 hectares de antes, Saldanha tem 48 vacas, sendo 41 em lactação, com produção diária de 750 litros de leite. "Só com a mudança no manejo do pasto vi a produtividade de cada vaca saltar de 10 para 17 litros por dia, isso com o mesmo animal. Percebi que a qualidade do alimento é um dos fatores mais importantes para que a vaca chegue ao seu potencial produtivo", diz.

Mas o mais importante do Balde Cheio, frisa Saldanha, é que o programa não é um pacote fechado, engessado, como muitos produtores pensam. "Conheço produtor de leite que resiste em receber um técnico do programa porque acha que terá de investir

muito dinheiro, colocar irrigação e outras coisas. Mas não é assim. Os profissionais nos aconselham de acordo com o perfil da propriedade e nossa capacidade, principalmente econômica. É preciso estar disposto a fazer e confiar."

O Balde Cheio, conduzido pela Embrapa Pecuária Sudeste, pode ser considerado um modelo de sucesso na transferência de tecnologia para a pecuária leiteira no Brasil. O projeto já soma 16 anos e está presente em quase todos os Estados. Mas o desconhecimento e a difusão de alguns mitos em torno dele, como exemplificou o produtor de Itirapina, têm preocupado os gestores. "Mesmo após anos de divulgação do Balde Cheio e de seus resultados, constatamos que muitos produtores e técnicos desconhecem o que é e como funciona o treinamento pela metodologia do programa. E isso foi criando muitos mitos, que acabam sendo divulgados sem uma fundamentação real", adverte o chefe-adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Pecuária Sudeste, o agrônomo André Novo, que lá atrás contribuiu para o sucesso do produtor de Itirapina.

Entre os mitos, ele explica que a maioria dos pecuaristas acredita que o Balde Cheio é um trabalho de assistência técnica da Embrapa ao produtor. Mas Novo esclarece que a instituição não faz assistência técnica. O Balde Cheio é uma metodologia de capacitação de extensionistas rurais, que utiliza uma pequena propriedade familiar como "sala de aula". "Assistência técnica de qualidade é sem dúvida a maior demanda de quem nos procura, mas não é este o foco do programa", explica. "O Balde Cheio foi pensado para treinar os técnicos da extensão rural que, por sua vez, atendem os produtores de leite. A dificuldade maior é ter um arranjo local que torne viável ter um técnico disposto a ser treinado e assistir os produtores", diz o agrônomo.

O engenheiro agrônomo e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Ismail Haddade, defensor do Balde Cheio e colunista de *Mundo do Leite*, tem bem claros o objetivo do programa e o papel de cada parte envolvida no processo. "O técnico extensionista tem a oportunidade de aprender no cotidiano da propriedade com auxílio de um profissional treinado pelo projeto, que orienta o trabalho. Isso possibilita um aprendizado muito mais concreto", diz. Além, é claro, de auxiliar o produtor a melhorar aspectos da propriedade leiteira.



Bem orientados pelo Balde Cheio. Saldanha e seu funcionário, na propriedade em Itirapina

Como técnico formado pelo Balde Cheio, Haddade acredita que um item fundamental é a maturidade adquirida pelo extensionista para filtrar as informações que serão úteis em cada situação apresentada. "O mais importante não é somente a aquisição da informação, mas a capacidade de selecionar as alternativas mais adequadas para cada situação que se apresenta", ressalta. Sobre este aspecto, é também comum o mito de que os técnicos do Balde Cheio exigem a adoção de um pacote imutável de tecnologias ou que só fazem "piquetinhos", ou, ainda, que o programa é rigoroso demais e que os técnicos "mandam" na fazenda. "Outras distorções ocorrem pela associação do programa com o uso de algumas tecnologias específicas, como, por exemplo, o capim tifton e a irrigação. Dizem também que não pode usar touro, não pode criar bezerros machos, entre outros absurdos que são tomados como normas que efetivamente não existem", afirma Novo.

Técnico capacitado na metodologia do Balde Cheio, o agrônomo Carlos Eduardo Freitas Carvalho atua como multiplicador do projeto em Goiás, por meio da Cooperativa para Inovação e Desenvolvi-

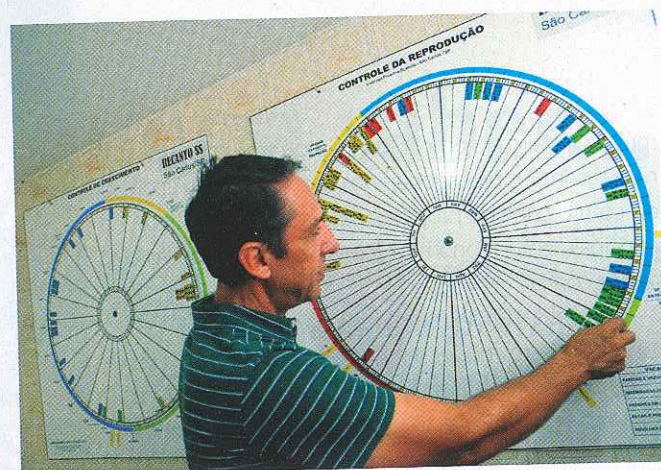
Do 'delírio' ao fato

A intensificação da produção animal a pasto no Brasil é recente. Em um país de dimensões continentais, a ideia de adubar pastos parecia um delírio. Mas foi isso que uma equipe de professores se propôs a fazer na Esalq, em Piracicaba, SP, há cerca de duas décadas. Liderados pelos professores Vidal Pedrosa de Faria e Moacyr Corsi, a equipe desafiou a forma tradicional de produção de leite a pasto — extensiva e de baixa produtividade —, propondo uma série de intervenções tecnológicas que aumentariam em muito o potencial de produtividade de leite no País. A solução encontrada foi a introdução gradual e sistemática de conceitos zootécnicos a partir de uma pequena área. Área que serviria de sala de aula e campo de estudos. Até os dias de hoje o Balde Cheio trabalha dessa maneira, de trabalhar em conjunto com um produtor, transformando sua propriedade em uma unidade demonstrativa para a difusão e aplicação da técnica do conceito de produção intensiva de leite a pasto. Quase duas décadas depois, pode-se dizer que o programa tem sido um sucesso. Atualmente é difundido em todas as regiões do País.

Balde Cheio



Mitos e inverdades foram sendo criados em torno do Balde Cheio, alerta André Novo, da Embrapa (à esq.). Um dos pilares básicos do programa, porém, é gestão, como faz Saldanha (à dir.), em Itirapina



mento da Atividade Leiteira (Cooperideal). E esclarece: "A metodologia trabalha a capacitação em si, mostrando aos técnicos da extensão rural como abordar os produtores em qualquer situação em que ele possa se encontrar, como dificuldades financeiras, relevos adversos, restrição de água na fazenda e até mesmo problemas familiares", avalia. Assim sendo, complementa, o técnico terá o discernimento na aplicação das tecnologias propostas, não precisando se ater, como muitos acham e de maneira errônea, que para ingressar no Balde Cheio é necessário fazer "piquetinhos", irrigar uma área de pasto e plantar cana. "Fizemos um levantamento das propriedades assistidas em Goiás e chegamos ao número de apenas 20% que utilizam a cana como forma de trato para o período seco do ano", exemplifica.

Ou seja, como comprova o próprio pecuarista Saldanha, os técnicos orientam cada produtor conforme a propriedade e a capacidade de cada um. Com exceção do sistema baseado em pastagens, presente na maioria das unidades demonstrativas, a escolha tecnológica deve ser feita de acordo com a necessidade de cada um. "O que é adequado para um pode ser totalmente inadequado para o seu vizinho de cerca. Por isso, é necessário que o técnico entenda as diferentes realidades de cada produtor de leite, escolhendo as melhores práticas caso a caso", enfatiza André Novo.

Haddade complementa, ressaltando que não há imposições, embora os produtores que concordem em transformar sua propriedade em "unidades demonstrativas" tenham alguns deveres a cumprir, como por exemplo fazer exames de brucelose e de tuberculose, descartar animais doentes, como exige a legislação, controlar o processo de produção por meio de anotações básicas, como as zootécnicas (parição, co-

bertura e controle leiteiro mensal); climáticas (chuvas e temperaturas) e econômicas (receitas e despesas).

Além disso, deve concordar em abrir a propriedade para visitas de outros produtores que queiram conhecer o projeto. Em contrapartida, têm direito a ser assistidos pelo técnico em pelo menos uma visita mensal e podem, inclusive, deixar o programa quando desejarem. Novo enfatiza: "Não há imposição de metas em nenhuma fase do processo. Cada produtor tem seu ritmo de aprendizagem e introdução de tecnologia", diz. "Pecuaristas e técnicos sabem quais os direitos e deveres de cada parte e é cobrado apenas aquilo que foi combinado", frisa o agrônomo. O consultor João Rosseto Júnior, da consultoria Agrodinâmica, de Cerqueira César, SP, ressalta que o que mais incomoda as pessoas é que o Balde Cheio usa técnicas simples, respeitando a velocidade de evolução e o desejo do produtor, que são individuais e não podem ser massificados. "Acredito que por isso rotulam o projeto de 'projeto de piquete' ou de 'piquete irrigado', quando estas são apenas técnicas que podem ou não ser usadas", opina o técnico.

Outro mito que Novo, da Embrapa, faz questão de esclarecer é o de que o projeto traz resultados positivos imediatos. Segundo ele, os resultados técnicos e, principalmente, econômicos, levam entre dois e três anos, em média, para aparecer. É um trabalho de longo prazo, que envolve intervenções como recuperação da fertilidade do solo, o que demanda tempo.

"É necessário haver uma mudança cultural profunda do técnico e do produtor e de sua família, o que demanda tempo de aprendizagem. Não é da noite para o dia que ele aprende a manejar pastagens, a lidar com animais de alta produção, a saber gerenciar seu novo negócio, entre outros. Por outro lado, do

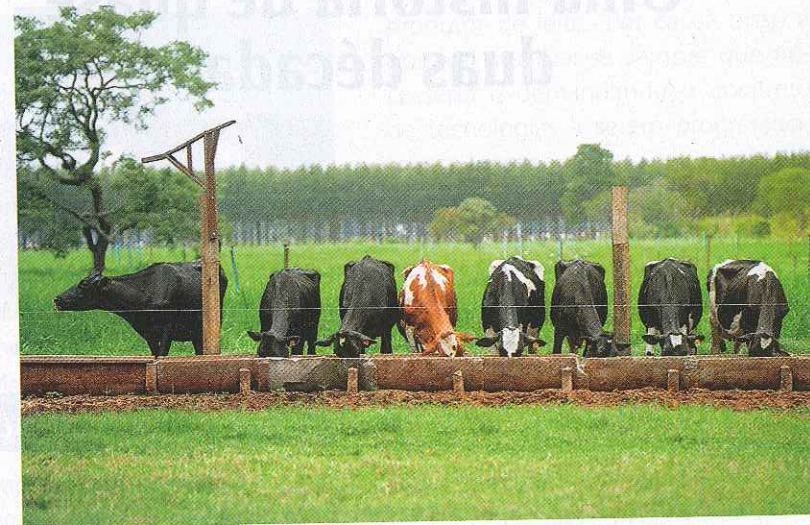
ponto de vista do resgate da autoestima, aí sim, os resultados são imediatos."

Haddade cita alguns exemplos de sucesso do programa no Espírito Santo – e que levaram tempo, mas tiveram resultados compensadores. Numa fazenda em Aracruz, por exemplo, em 14 anos de trabalho sob orientação do programa, a produção diária saltou de 140 para 2.300 litros por dia. Em 2001, dos 50 hectares da fazenda, apenas 15 eram usados para a produção, com 20 vacas (50% do rebanho) em lactação. Este ano, a área útil é de 45 hectares e o rebanho conta com 198 vacas em lactação (78% do rebanho). Outro exemplo é uma propriedade em Vila Valério, onde em apenas dois anos a produção diária de leite subiu de 700 litros para 1.093 litros. E a eficiência do rebanho foi de 63% para 80% das vacas em lactação, em média.

Novo enumera mais exemplos de sucesso do Balde Cheio. Entre 2009 e 2011, em uma amostra de 50 produtores assistidos em várias regiões, a renda bruta por hectare teve um acréscimo de 92%, mesmo sem variação significativa no preço do leite (7%). Isso é devido ao aumento no número de vacas em lactação por hectare (31%), maior produtividade das vacas (24%), o que resultou em 43% mais leite por propriedade após três anos de trabalho. A produtividade da terra e da mão de obra também aumentaram 37% e 54%, respectivamente.

Para o técnico, apesar dos mitos criados em torno do programa, o balanço é amplamente favorável e o Balde Cheio tem potencial para crescer ainda mais, tanto em termos de produtores quanto de técnicos demandando a capacitação.

Rosseto Júnior também acredita que, indepen-



dentemente dos mitos criados, o Balde Cheio tem obtido resultados significativos, tanto econômicos quanto sociais, principalmente devido à sua simplicidade e seriedade. Ele foi treinado quando ainda era técnico da Casa de Agricultura da cidade e, hoje, é instrutor do projeto em Rondônia, Maranhão e Piauí – provando, além disso, a capacidade de adaptação do programa a várias regiões e biomas do País.

Haddade orienta que, para o produtor, uma das principais lições para conquistar bons resultados é aliar sua vocação para a pecuária leiteira à disposição de cumprir o que for combinado, além da confiança no técnico. "Acredito que a chave do sucesso esteja nessas características citadas, em conjunto com a capacidade profissional do extensionista, principalmente relacionada ao seu perfil proativo, a capacidade de resolver problemas, ao gosto pela atividade, bem como o compromisso com o trabalho."

Nos piquetes.

Unidades demonstrativas têm sistemas, em sua maioria, baseados a pasto

Elementos-chave que fundamentam o programa

- 1.** Anotações zootécnicas e econômicas: são a chave para reflexão e tomada de decisão e sem essas não existe o trabalho.
- 2.** Toda propriedade deve conduzir pequenos testes: cada nova tecnologia proposta – pastejo rotacionado, introdução de vacas
- 3.** Trabalho em rede e compartilhamento de informações: existe intensa troca de conhecimento feita entre os técnicos em treina-

mento e a Embrapa (nesse caso os produtores e os técnicos visitam outras regiões para acompanhar as inovações no campo), o que permite o avanço do conhecimento de modo sustentável.

- 4.** Respeito ao ritmo de introdução das tecnologias: no caso,

os técnicos são treinados a identificar quais as pré-condições necessárias para introdução das melhores tecnologias para cada situação de produtor e de região. Aqui o objetivo não é discutir qual tecnologia será introduzida, mas quando será o momento mais apropriado.

Uma história de quase duas décadas

O chefe-geral da Embrapa Pecuária Sudeste, Rui Machado, lembra que o Balde Cheio foi criado há 16 anos com o objetivo de acelerar o processo de inovação na produção de leite. Segundo ele, adotou-se como estratégia a transferência de tecnologia e de conceitos da intensificação da produção leiteira. O projeto, complementa, alicerçou suas ações na capacitação continuada e acompanhada de técnicos que, em última análise, são os protagonistas do processo e os produtores são os beneficiados. "O setor produtivo é muito carente de informação sobre tecnologias e o papel do projeto é preencher essa lacuna. A Embrapa, nos últimos 40 anos, bem como outras instituições de pesquisa, geraram abundante quantidade de tecnologias para a pecuária leiteira, mas muitas delas ainda encontram-se, em certa medida, nas prateleiras.

É preciso que a informação chegue ao produtor rural e seja adotada. Nesse momento, temos a chamada solução tecnológica", ressalta.



Sucesso em capacitação e transferência de tecnologia

1. O que é o Balde Cheio

É uma metodologia de transferência de tecnologia que contribui para o desenvolvimento da pecuária leiteira. O objetivo é capacitar profissionais de extensão rural e produtores, promover a troca de informações sobre as tecnologias aplicadas regionalmente e monitorar os impactos ambientais, econômicos e sociais.

2. Como funciona

A capacitação e a troca de informações ocorrem na propriedade rural de referência na região, chamada de unidade demonstrativa. Também inclui aulas teóricas na Embrapa Pecuária Sudeste e nas propriedades selecionadas. Essa unidade demonstrativa passa a ser referência para os produtores da região

3. Como participar

Os produtores e técnico interessados devem entrar em contato com a Embrapa Pecuária Sudeste pelo site www.cppse.embrapa.br/sac ou pelo telefone (16) 3411-5626

Conforme explica, a metodologia do Balde Cheio transcende o conceito de difusão e incorpora um maior, o da transferência de tecnologia. "O programa baseia-se na formação de unidades demonstrativas, que são propriedades que adotam o programa e se transformam em 'salas de aula' a campo, para que os técnicos credenciados do projeto as usem como modelos reais de produção e difundam o programa entre outros produtores da região."

Outro ponto importante que mostra sua flexibilidade é que o programa acompanha a evolução das tecnologias. Segundo Machado, há



Da prancheta ao campo.

Para Rui Machado, da Embrapa, o setor produtivo é carente de tecnologias

indicadores de desempenho zootécnico, ambiental e socioeconômico que são acompanhados ao longo do tempo e para cada estabelecimento

produtor de leite. "Por causa disso é possível atualizar-se sempre que necessário e demandando o conjunto de tecnologias a serem progressivamente incorporadas naquela propriedade", ressalta o diretor.

Esse mecanismo, complementa, aproxima a pesquisa ao sistema de produção e cria uma via de mão dupla, retroalimentando a pesquisa com informações de interesse na prospecção de demandas para a pesquisa. Há ainda uma rede estruturada de comunicação entre os participantes do projeto, o que acelera a troca de experiências entre todos envolvidos, técnicos e produtores. ■

Alguns mitos e verdades

1.

A Embrapa não faz assistência técnica

A Embrapa capacita técnicos extensionistas em produção intensiva de leite dentro dos parâmetros do programa Balde Cheio. Estes técnicos treinados, por sua vez, vão atender os produtores nas suas regiões.

2. O programa é muito rigoroso

Não. Não há imposição de metas em nenhuma fase do processo. Cada produtor tem seu ritmo de aprendizagem e introdução de tecnologia.

3.

O Balde Cheio é "fazer piquetinhos"

A produção intensiva de leite não se baseia somente em pastagens rotacionadas, apesar desta ter sido a melhor solução em várias regiões. Contudo, muitas outras tecnologias e processos compõem o projeto,

como estratégias de alimentação (silagens, cana, palma forrageira, uso de subprodutos na dieta, balanceamento nutricional sempre de acordo com cada situação agroecológica), técnicas administrativas (planilhas de desempenho econômico e zootécnico, quadro de controle reprodutivo e índice de atualização tecnológica), práticas de manejo de ambiência e conforto animal, fundamentos de recomposição ambiental e sanidade e segurança alimentar.

4. O Balde Cheio é um pacote fechado

Não. Os técnicos são treinados para interpretar as diferenças de cada propriedade, assim como a complexidade dos diferentes perfis de produtores. As opções tecnológicas e os níveis de intensidade do uso dos fatores produtivos são constantemente aprimorados com a participação ativa dos técnicos e produtores de cada região.

5. É só para pequeno produtor

Necessariamente, a "sala de aula" do treinamento deve ser de um pequeno produtor familiar, mas todos os conceitos adquiridos ao longo do treinamento servem para qualquer situação ou escala de produção.

O objetivo é capacitar o técnico em um contexto de restrição econômica, demonstrando ser possível a geração de renda pela apropriação de tecnologias e intercâmbio de conhecimentos, mesmo que não haja abundância de recursos.

6. Os resultados são imediatos

Não. Levam-se entre dois e três anos em média. É um trabalho que envolve intervenções em várias dimensões, desde a recuperação da fertilidade do solo, das forragens, do rebanho, etc. o que demanda tempo.

ANUNCIE!

As melhores oportunidades vão bater à sua porta.

Oportunidade de Negócios da revista Mundo do Leite é um espaço destinado a anúncios em formatos e valores diferenciados, sob medida para sua empresa. Comunique-se diretamente com seu público alvo e aumente os seus resultados.

Garanta já o seu espaço!

Ligue:
(11) 3879-7099
cn@midiadbo.com.br